

SEMINÁRIOS REGULARES DO GRUPO MUSEU/PATRIMÔNIO – GMP – FAUUSP

PAULO EDUARDO BARBOSA

10/05/2018

TEMA: Capítulo 8: O Povo Brasileiro – O Brasil Sulino. Roteiros: Isa Grispum Ferraz, Antônio Risério e Marcos Pompéia. Brasil: GNT. TV Cultura, 2000.

No capítulo do livro *O Povo Brasileiro* intitulado “Os Brasis Sulinos: Gaúchos, Matutos e Gringos” Darcy Ribeiro assinala nesta região o surgimento de modos de vida diferenciados e divergentes das outras regiões componentes da chamada paulistânia¹, em que predominaria a heterogeneidade cultural.

Aponta a formação geral do Brasil sulino por meio de três grupos: os *matutos*-açorianos do litoral, os representantes atuais dos antigos *gaúchos*, e a formação *gringo* brasileira dos descendentes dos imigrantes europeus. Já a integração desta região ao resto do Brasil se deu pela criação daquilo que o autor denomina como sucessivos vínculos mercantis no plano econômico² somada à política portuguesa de potência na busca da hegemonia no Rio da Prata buscando a manutenção da Colônia de Sacramento, pelo fomento da colonização açoriana e por meios diplomáticos na demarcação de fronteiras.

As tensões entre portugueses e castelhanos e a conseqüente concentração de tropas para garantia das fronteiras confere um poder militar maior que o poder econômico ao Rio Grande do Sul e que torna, segundo Ribeiro, inevitável a imposição de candidatos gaúchos ao poder central quando esta se dava em considerações militares. Ressalva feita à tendência separatista da região, fomentada segundo o autor, por tensões disruptivas quando suas demandas específicas não eram atendidas aliadas a influências intelectuais e políticas de centros urbanos avançados como Buenos Aires e Montevideú, ou por ideais políticos arrojados como as lutas antiescravagistas e a campanha republicana dos farrapos.

Embora Darcy Ribeiro afirme que o ingresso maciço dos imigrantes centro-europeus tenha sido fator determinante à incorporação dos brasis sulinos ao conjunto do Brasil, por terem sido compelidos a identificarem-se como brasileiros, e desenvolva³ uma extensa genealogia das três principais matrizes étnicas (gaúchos, matutos e gringos), atesta, no início do capítulo, à mão dos jesuítas espanhóis o surgimento

¹ Como o autor denomina as “outras áreas conformadas pelos paulistas, como a de mineração, a de economia natural caipira e a de expansão da cafeicultura” que afirma terem bases culturais comuns.

² Primeiramente os índios escravos do século XVII e o gado do século XVIII, que deram à região condições econômicas de vínculo ao com o norte e centro do Brasil, e mais tarde pela produção do charque conectando a produção aos mercados nordestino, amazonense e antilhano.

³ principalmente no capítulo do livro e com menor intensidade no episódio da série produzida para a TV.

240.000 índios e 100 religiosos. Revoltados com a posse da coroa portuguesa, os guaranis incendiaram São Miguel em 1756 mas são derrotados. Em 1761 reestabelece-se o domínio espanhol e segue a decadência até que, citando Saint-Hilaire, a população dos sete povos das missões, após invasões sucessivas por caudilhos e definição dos limites de fronteira com a criação da República Oriental do Uruguai baixa de 30.000 pessoas em 1768 para 30 em 1821.

As ruínas jesuíticas abandonadas são espoliadas e seus fragmentos incorporados às construções de casas e outros espaços públicos das vilas e cidades da região até que a ameaça de colapso total leva a reparos emergenciais pela Comissão de Terras da Secretaria de Obras Públicas sob o comando do Borges de Medeiros preside a província antecedendo Getúlio Vargas, natural de São Borja. Já presidente da República, Getúlio institui em 1937 o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional após o Decreto do Estado Novo e Rodrigo Melo Franco de Andrade contrata o arquiteto Lúcio Costa para uma inspeção nas ruínas visando um plano de preservação.

Em seu relatório Lúcio Costa descreve a amplitude dos assentamentos dos sete povos das missões que constituía obra de traçado urbano, ou de configuração de cidadela, diferente dos colégios jesuítas que se estabeleceram em núcleos urbanos mesmo incipientes pelo resto do Brasil, reconhecendo que :

“mais modesto e menos independente, o programa jesuítico brasileiro não comportava os traçados urbanísticos integrais tão característicos das missões da Província do Paraguai, das quais nos ficaram, por bem dizer, de quebra, os chamados Sete Povos das Missões.”

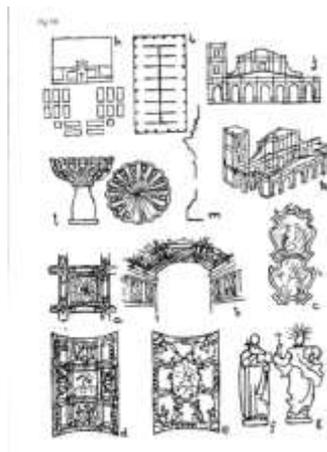


Figura 2: Croquis de Lúcio Costa no relatório feiro ao SPHAN em 1937. Fonte: (Revista do Patrimônio Histórico Nacional nº26)

É notável no relatório do arquiteto em 1937 ao SPHAN a admiração pelo projeto jesuítico:

” A planta de todos eles obedecia a um padrão uniforme preestabelecido. Os quarteirões, com as colunas dos alpendres em fila e bem alinhadas, arrumavam-se como regimentos em volta da praça. Tudo se distribuía e ordenava com uma disciplina quase militar. Os jesuítas revelaram-se, nestas Missões, urbanistas notáveis, e a obra deles, tanto pelo espírito de organização como pela força e pelo fôlego, faz lembrar a dos romanos nos confins do império. Apesar do atual dismantelo, ainda se adivinha,

nos menores fragmentos, uma seiva, um vigor, um “impulso”, digamos assim, que os torna – estejam onde estiverem – inconfundíveis.

As alternativas oferecidas a estes povos indígenas nos séculos XVI e XVII eram a escravização ou a integração nas Missões. A despeito das proclamadas intenções que a Companhia de Jesus nutria por eles, em que defendiam a criação de uma sociedade cristã pura e livre dos vícios do continente europeu, frequentemente confrontando a Coroa portuguesa e espanhola⁴, as aldeias indígenas tinham sua urbanidade intrinsecamente ligada à uma cosmogonia e a uma organização social-produtiva que era profundamente alterada na transferência para as Missões em que se viam obrigados a viver em casas, constituindo-se a partir destas, em famílias monogâmicas, introjetando conceitos como o de posse, desarticulando sua urbanidade e visão cósmica, demasculando este indígena como diz Darcy Ribeiro no episódio.



Figura 3: Aldeia Guarani. Fonte: <http://guarani.map.as>

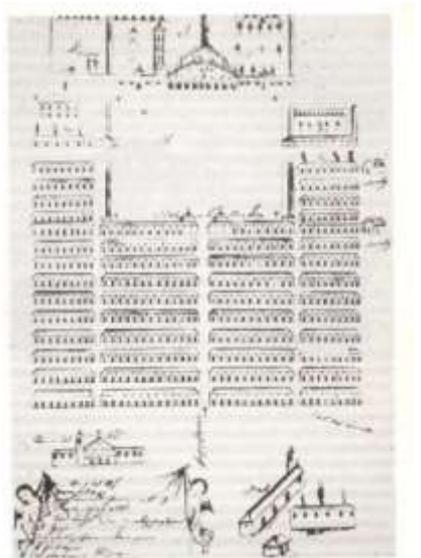


Figura 4: planta da Missão de São Miguel em que se nota a organização “militar” do espaço de que fala Lúcio Costa, tendo a igreja, a residência dos padres e o cemitério em frente à praça e a ordenação das residências ocupadas pelos indígenas. Fonte: (Gutierrez, 1987)

⁴Os jesuítas armaram os indígenas para defenderem seus direitos quando da revolta ao Tratado de Madri em 1756 segundo O’Malley.

À utopia jesuítica manifesta em suas ruínas, Lúcio Costa responde com a proposta de criação de um museu que concentrasse em São Miguel, elementos de lá e de outras Missões. Reconhecendo seu interesse como conjunto arquitetônico, propõe a construção de um pavilhão avarandado ao estilo missioneiro com fechamentos de vidros em esquadrias metálicas para abrigar as peças mais valiosas e permitir não apenas a visão do conjunto das ruínas mas, pela sua posição, permitir a simulação da escala de implantação do sítio como um todo.



Figura 4: Vista aérea do Museu das Missões e da igreja de São Miguel. Fonte: www.archdaily.com

Gilberto Freyre atribui caráter identitário à casa-grande citando Oswald Spengler⁵ para quem “a força cósmica, misteriosa, enlaça num mesmo ritmo os que convivem estreitamente unidos” (Freyre, 2006, p.36).

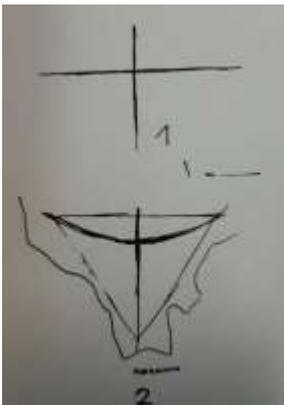


Figura 5: Croquis de autoria de Lúcio Costa para a concepção do projeto de Brasília. Fonte: (Wisnik, 2001)

Embora distantes por séculos, a utopia jesuítica expressa em urbanidade, reverenciada no projeto do Museu das Missões por Lúcio Costa, atribuída por Darcy Ribeiro à gênese do Brasil sulino, contribui a conjecturar a utopia modernista em que Costa conceberia Brasília, sobre o traço do *Cardo* e *Decumano*. O que dizer da contribuição desta iniciativa seiscentista ao debate sobre o espaço urbano projetado como estratégia ideológica nos projetos de habitação que desde o final do século XIX procuram equacionar demandas sociais, especialmente no Brasil, com soluções que preterem a qualificação técnica da habitação vernacular expressa nos assentamentos urbanos em favor de planos totalizadores.

⁵ Oswald Arnold Gottfried Spengler (1880-1936) historiador e filósofo alemão cujo trabalho influenciou pensadores europeus do século XX, autor de *O Declínio do Ocidente*.

BIBLIOGRAFIA

- Comas, Carlos Eduardo (org.). Lúcio Costa e as Missões: um museu em São Miguel. Poto Alegre: PROPAR/UFRGS : IPHAN/ 12ªSR, 2007.
- Costa, Lúcio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil, 1941.in Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,60 anos. Nº26
- Freyre, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação social da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006 (1930).
- Gutierrez, Ramón. The Jesuit Guarani Missions. Rio de Janeiro: Publicado para a UNESCO pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- Martins, Renata Maria de Almeida. Tintas da terra, tintas do reino: arquitetura e arte nas missões jesuíticas do Grão Pará (1653-1759). Tese de Doutorado. FAUUSP. 2009.
- O'Malley, John W. Uma história dos Jesuítas-de Inácio de Loyola a nossos dias. São Paulo: Loyola, 2017.
- Ribeiro, Darcy. O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Global, 2015.
- Wisnik, Guilherme. Lúcio Costa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

Sites visitados:

<http://guarani.map.as>

<https://www.youtube.com/watch?v=-nXuLrlatXo>